

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 1 **Assinaturas** **Publicações** 1.º Anno

AVIRO—Um anno, 18200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 6500 réis (fortes). No corpo do jornal, cada linha, 30 réis. Anuncios, cada linha, 25 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento. **NUMERO AVULSO, 30 REIS**

PAGAMENTO ADIANTADO

AVEIRO

Todo o paiz copheceu o antigo *Povo de Aveiro*, que fez epocha e esteve na ordem do dia por mais do que uma vez. Os seus artigos, quer na politica local, quer na politica geral, provocaram varias vezes a curiosidade publica e o semanario d'esta pacifica terra attingiu em bastantes occasiões, as horas de um verdadeiro acontecimento. Não se roam de inveja os amigos. Isto não é dicto para os arrelhar. Já os sentimos rosnar, uns, enrugando os cantos da bocca com um riso amarello, outros, e emallidecer os restantes. Soceguez, as feras. O domador está bem d' posto. Nem é vaidade nossa. Isto é dicto apenas para que o publico nos dispense da nutra maçada de uma apresentação alofa.

Povo de Aveiro é um jornal novo apenas no espelhalho e na empresa. No resto é velho em tudo. Não fará tan barulho como *O Povo de Aveiro*, nem dará logar a tantas contendas e a tão ruidosas questões. O tempo mudam. Os homens não fazem os acontecimentos; são os acontecimentos que fazem os homens. Mas como os temperamentos, no fundo, são sempre eguaes, quem conheceu o outro semanario ha de conhecer este.

E, sem lerias nem asneiris, fica feita, franca e lealmente a nossa apresentação.

QUESTÕES LOCAES

Onde está o relatório da comissão de syndicancia aos actos do secretario da camara municipal de Aveiro?

Onde está a resposta do mesmo secretario ás accusações que lhe fizeram?

E' extraordinaria a conducta da nossa vereação, que, espelhada a todo o instante por um empregado subalterno, ainda não teve o decoro preciso para acabar com um estado de coisas in-

compativel não só com a dignidade de cada um dos senhores vereadores, mas, o que é mais, com a dignidade publica e com a honra dos principios liberaes.

Foi a camara que trouxe para publico as questões levantadas entre ella e o seu secretario. Foi um jornal, que passa por ser orgão do sr. presidente da camara, o primeiro a accusar aquelle funcionario de irregularidades gravissimas. Foram os senhores vereadores os primeiros a levantar em sessão publica a moralidade e a justiça offendidas.

Como ficam agora quietos e calados?

Que espantosa incoherencia é essa?

Incoherencia, ou o quê?

Chamemos-lhe incoherencia, por enquanto.

Parece que o sr. presidente da camara é coagido pelo sr. Francisco Mattoso e pelo sr. José Luciano a não andar para deante. Mas isso é que não pôde ser. O sr. presidente da camara não pôde nem deve aceitar esse papel, que não é compativel com a sua dignidade.

Francamente, lamentamos encontrar o sr. dr. Alvaro de Moura n'esta situação. Lamentamo-lo por dois motivos, um pessoal, outro publico. Pessoal, porque o sr. dr. Alvaro de Moura é um homem limpo que corre graves riscos de ficar sujo. Publico, porque o sr. dr. Alvaro de Moura é um homem de merecimentos que correm o grave risco de ficar perdidos para a sociedade em geral e para a sua terra em particular.

E' costume a camara declinar no seu presidente a effectividade das suas resoluções e o andamento das suas decisões. Quer o sr. Alvaro de Moura faltar á lealdade devida aos seus collegas, deixando-os, por obediencia aos magnates progressistas, comprometidos na opinião publica?

Não pôde ser. O sr. Moura não faz isso porque é um homem de bem. Então, o dilemma está

posto: ou demittir-se, ou andar para deante.

Se não quer desobedecer ao sr. Mattoso, vá-se embora. S. ex.º é presidente da camara municipal de Aveiro antes de ser amigo ou inimigo d'alguem. Estão em conflicto os seus sentimentos de gratidão ou amizade com os seus deveres de presidente da camara? E' deploravel que s. ex.º ponha o dever publico abaixo do sentimento pessoal. Mas, se não pôde mais, passe s. ex.º muito bem. Vá-se embora.

Fica? Então vamos á justiça, vamos á verdade, vamos ao direito. Nada de tergiversar. Nada de chicanar.

Ha de ser assim, porque o sr. dr. Alvaro de Moura é um homem sério.

Mas se de todo nos enganarmos compete então aos restantes vereadores salvar a moralidade publica e o decoro da camara pondo o sr. presidente á margem.

De que os senhores todos podem ter a certeza é de que é tristissima a figura que estão fazendo.

Os senhores estão muito mal postos perante a opinião publica.

E falaremos largamente sobre estes e outros assumptos da cidade.

Aos assignantes

Pedimos a todos aquelles que, recebendo este periodico, o não queiram assignar, o devolvam immediatamente a esta redacção. Não mendigamos assignaturas de ninguem. Vimos sempre com nojo o procedimento pelintra de varios jornaes que se abaixam a tudo para apanhar uma assignatura. Houve n'esta terra, até, um glorioso pulha que foi, n'esse genero, a coisa mais notavel que existiu em Portugal. Ora todas as empresas industriaes teem o direito, e, até, o dever de introduzir no mercado o producto das suas industrias. E o publico aceita ou não aceita. E' uma coisa corrente, simples, elemen-

tar, sem que haja favores de parte a parte.

O publico faz com um jornal o que faz com tudo o mais que está nas mesmas condições. As empresas offerecem-lho e elle se quer comprar, compra; se não quer, diz que não quer, na certeza de que é tão ignobil mendigar a compra como ignobil ficar com a offerta sem a idéa de a aceitar. E' este um acto indecoroso, que demonstra uma completa ausencia de brio e uma profunda desmoralisação, tanto mais quanto é verdade que para rejeitar um jornal basta dizer rejeito, ou deital-o n'uma caixa de correio, o que custa bem pouco.

Esperaremos até ao 3.º numero. Não nos sendo devolvido até então o *Povo de Aveiro*, consideraremos nossos assignantes todos os individuos que ficaram com elle e expedir-lhes-hemos immediatamente os recibos. O antigo *Povo de Aveiro* teve a tolice de começar a cobrança das assignaturas findos os semestres, e apanhou *calote russo*. N'essa não calhemos nós.

Os habitantes d'Aveiro, que recebem este semanario, esses poderão dizer ao distribuidor, quando este voltar a distribuir o segundo numero, se o querem ou não.

Lê-se no *Diario Popular*:

«Diz a *Vanguarda*:

«Noticiou a imprensa que iria á ultima assignatura o decreto nomeando director geral do ultramar o sr. conselheiro Dias Costa.

Porém, no proprio dia da assignatura, a noticia foi desmentida, e, com effeito, o decreto não foi assignado.

Indagando das razões d'este facto, soubemos que o sr. dr. Barbosa de Magalhães, chefe da 1.ª repartição da direcção geral do ultramar, deputado progressista e grande influente eleitoral em Aveiro, se oppõe aquella nomeação, chegando a declarar a quem o quiz ouvir, segundo nos informam, que ella não se fará sem uma certa compensação para s. ex.º, visto ter direito ao logar como antigo e zeloso funcionario que é do ministerio da marinha.

O sr. José Luciano, que não quer indispor-se com este seu dedicado correligionario, conseguiu fazer anstar o referido decreto, procurando ao mesmo tempo obter uma cozeia para o sr. Barbosa de Magalhães, que o compense de não ser nomeado director geral do ultramar.

mais alto grau a sua antiga licença, — despezando a fraca interferencia do Conselho d'Estado de Inglaterra, fortificando os seus castellos, augmentando o numero dos seus dependentes, reduzindo á vassalagem tudo quanto os rodeava, e empregando cada um todos os meios ao seu alcance para se collocar á frente de forças sufficientes a habilitarem n'ó a fazer figura nas convulsões que pareciam imminentes.

A situação da nobreza inferior, ou franklins (1), como se dizia vulgarmente, que, segundo a lei e o espirito da constituição da Inglaterra, tinham

(1) Nome que os normandos davam aos antigos thanes. Entre os saxões os thanes formavam um corpo de nobres, proprietarios, que estavam logo abaixo dos earls ou condes, e acima dos eorls, ou cultivadores. O titulo de thane equivalia a barão sob Henrique I, mas havia-os tambem de importância inferior.

Assim fleará o caminho desembaraçado ao sr. Dias Costa.

Francamente, isto tambem é baixo imperio, embora de genero differente do caso do general do sr. Ressano Garcia. Este do sr. Ressano é imperio... romano.

Esta sr. Barbosa de Magalhães é a mesma que no caso das concessões ultramarinas, e sendo relator, alterou no seu parecer a votação da comissão do ultramar. Tal foi o caso, que o relator deixou de o ser, que não foi mais á comissão e que por muito tempo andou ausente da camara. Está na altura da virtude triumphante e bem pôde ser chefe da sua casa civil.

Estamos d'accordo com o *Diario Popular*. O homem está na altura da virtude triumphante e pôde ser chefe da sua casa civil. Mas não que a virtude triumphante o proteja e agasalhe por elle ser grande influente eleitoral em Aveiro (tô, rola). O motivo não é esse. O motivo é a gratidão da virtude triumphante e o respeito á memoria d'aquelles que fizeram subir a mesma virtude triumphante á tribuna parlamentar, ha de haver quarenta annos, para ali chorar lagrimas de filho obediente e de cidadão honesto, em protestos de honra e de innocencia que levaram o contagio das lagrimas até ás pedras das ruas.

Eis os titulos que dão direito á chefia da casa civil da virtude triumphante.

Cartas d'Algure

16 d'Agosto.

Estamos reduzidos a dois, amigo João. Você a compôr e eu a escrever. E d'aqui a pouco somos tambem só os dois a lêr e, mesmo assim, você lerá por obrigação. Senão, não lia.

Veja você o nosso amigo Joaquim Peixinho. Quando se fundou o *Povo de Aveiro* lembra-me muito bem quem dava os vivas á familia real, na estação, era o *Inverno*. Ninguém mais queria o officio. Nós faziamos muita troça ao homem e o homem não estava tão desmoralizado que não desdesse sorte. O *Inverno* dava uma sorte real.

Agora, qual *Inverno*, qual diabo! Upa, upa. Agora é o nosso ex-correligionario Joaquim Peixinho, correligionario, admirador, ferrenho partidario, que até offereceu uma penna de bronze a um nosso amigo pelas grandes tarefas que este applicou nos defensores do throno e do altar.

o direito de se considerarem independentes da tyrannia feudal, tornou-se então extremamente precaria. Se, como acontecia geralmente, se collocavam sob a protecção d'algun dos poquentes da sua visinhança, se aceitavam encargos feudaes em suas casas, e se obrigavam, por um tratado nutuo de aliança e protecção, a ajudá-lo nas suas empresas, podiam em verdade adquirir um repouso temporario; mas isso equivalia ao sacrificio da sua independencia, tão querida de todo o peito inglez, e tinha o risco de os obrigar a tomarem parte em qualquer expedição arriscada a que a ambição podia incitar o seu protector. Por outro lado, taes e tantos eram os meios de vexação e oppressão de que usavam os barões, que estes nunca precisavam de pretexto, e não lhes faltava a vontade, para incomodarem, perseguirem e até ar-

(1) **FOLHETIM**
IVANHOÉ
ROMANCE POR WALTER SCOTT
CAPITULO I

Assim diziam enquanto, á tardinha, obrigavam a recolher nos curraes os porcos refestelados, que protestavam com grunhido estridentes e ingratos.

Odianca (1)

(1) Walter Scott cita a tradicção de Alexandre Pope, que é extremamente arrevezada e nada em harmonia com a simplicidade de Homero. Traduzimos de Pope, porque o sentido do original não conviria tão bem ao auctor.

Na amena região da feliz Inglaterra banhada pelo Don, estendia se, outr'ora, uma extensa floresta que cobria a maior parte dos bellos montes e valles situados entre Sheffield e a risonha cidade de Doncaster. Os restos d'essa vasta floresta vêem-se ainda nos magnificos domínios de Wentworth, de Wharmliffe Park e dos arredores de Rotherham. Era alli que, em eras fabulosas, apparecia o famoso dragão de Wantley; lá tiveram logar muitas das cruentas batalhas que se feriram durante a guerra civil das Rosas (1); e ali tambem floresceram em tempos antigos esses bandos

de valorosos *outlaws* (1), cujas façanhas se tornaram tão populares nas antigas balladas inglezas.

Tal é o theatro principal da nossa historia, cuja data se refere ao ultimo anno do reinado de Ricardo I, quando o regresso d'este ao seu longo captivo era mais desejado do que esperado pelos seus subditos desanimados, que entretanto estavam sujeitos a toda a especie de oppressões. Os nobres, cujo poder se tornara exorbitante durante o reinado de Estevão, e de quem a prudencia de Henrique II apenas conseguira uma fraca submissão á corôa, tinham elevado ao

(1) Guerra, que durou de 1455 a 1485, entre a casa d'York e a de Lancastre, cujas brazões tinham por distinctivo respectivamente uma rosa branca e uma rosa encarnada.

Pois, João, ali o tem. E', sem offensa para os dois, que são ambos muito boas pessoas, é o successor de Inverno. Quando elle empregava o seu verbo inflammado, quente, de bachel de fresca data, no comicio de Aveiro, para descompôr o sr. Albano de Mello, era, apenas, ao que se vê, — e por isso o sr. Mello, a quem elle pediu desculpa no dia seguinte, o desculpou tão facilmente, — era apenas um ensaio de voz que estava fazendo para vir a gritar, como gritou ha dias em Agueda, ás ordens do mesmo sr. Albano de Mello; de quem é hoje, — cá está a razão das pedidas e concedidas desculpas — burocraticamente, subordinado: — «VIVA A FAMILIA REAL!»

Viva, viva, sen Peixinho. Viva e reviva. *Ande eu quente e ria-se a gente.* Já a mulher do Antão e seu illustre esposo diziam isso muitas vezes.

Mas onde está o Orlando, que lhe quero perguntar como fazia o tio em Agueda?

Se o rapaz, que é endiabrado — não tivera elle o nome do furioso heroe das cavallarias — já era um primor a imitar o tio no comicio, deve ser uma maravilha a imital-o agora em Agueda.

O' Orlando, como fazia o tio em Agueda?

De resto, eseuo de te dizer, João, que não vou pedir emprestada a pena de bronze para vomitar indignações contra o sr. dr. Joaquim Peixinho. Como já dizia o Bertoldo, ou o Banana, ou outro philosopho qualquer, a vida é uma comedia. Mas uns representam a comedia dentro dos bastidores; outros fóra. O sr. dr. Peixinho é dos que sahiram para fóra e, neste caso, os espectadores teem o direito de se rir ou chorar, de bater palmas ou de dar pateada, ou mesmo o de ficarem calados.

Eu rio me. Nada mais. O caso não pede outra coisa. Mesmo porque, dado o precedente, tenho vivas esperanças de ainda vêr um dia o sr. dr. Peixinho, que, no fundo, é uma santa creatura, pedir desculpas á republica para dar morras ao rei.

Ande eu quente e ria-se a gente.

Mas, João, que série de mudanças, e que o nosso amigo do *Jornal de Aveiro* deixou a *capitar*? Aquillo é o foi, tambem. Um bello dia, quando um homem estava no melhor da sua prosa, zás. Se eu estivesse na attitudede do Bocage, vá que elle não dissesse, ao menos, *agua vae*. Mas não; aquella apanhou-me sem eu estar de cocoras.

Volte pelo vezo, e verá. Esta desculpa-se-lhe, que não teve más intenções.

Mas que série de mudanças, dizia eu! Nem o infeliz José Estevão apanhou musica este anno. Teve só repique de sinos. Os devotos não estiveram para mais. Dizem-me que houve mudança de santo e que, agora, é São João Romão para tudo. Vae tão longe a devoção por este santo que até já o incluíram no *Flos Sanctorum* do socialismo, a par de Saint Simon, de Owen, de Fourier e outros. No primeiro de maio — pelo que me dizem agora, que eu de nada sabia — foi consagrado São João Romão socialista e a cidade de Aveiro operaria festejou São Romão marxista, ou collectivista, São Romão blanquista, ou reformista, São Romão anarehista, São Romão de todas as côres e de todos os feitios do

ruinarem alguns dos seus visinhos menos poderosos que tentavam eximir-se á sua auctoridade e se consideravam protegidos contra os perigos do tempo pela sua conducta offensiva e pelas leis do paiz.

As consequencias da conquista de Inglaterra por Guilherme, duque da Normandia, concorreram muito para augmentar a tyrannia da nobreza e os soffrimentos das classes inferiores. Quatro gerações não bastaram para misturar o sangue inimigo dos normandos com o dos anglo-saxões, ou para unir, pela linguagem commum e mutuos interesses, duas raças hostis, uma das quaes ainda sentia o orgulho do triumpho emquanto que a outra se desenvolvia sob todas as consequencias da derrota. O poder, em seguida ao successo da batalha d'Hastings, passara completamente para as mãos da nobreza normanda, que, segundo

socialismo, terrível espectro da burguezia pacata.

E que te parece, ó João?

E's capaz de chamar á tua terra, e mais a mais com o exaggero de rhetorica e de pleonasmos que vae por ali, a terra mais comica do universo inteiro.

Eu, tanto não direi. Mas lá que as mulheres chegam a andar, — não tarda escarranchadas em burros, — socialismo pratico — isso é certo, e está para breve.

Em primeiro lugar, é secular e tradicional a tendencia que teem as nossas patricias para montar e os patricios para deixar. Já foi montada, e no proprio marido, que a sempre famosa mulher do Antão tirou, segundo contava o João Tanoeiro, monumental desforra do frade.

Em segundo lugar, vê-se que o socialismo entra pela minha terra dentro de vento em popa e que faz milagres. Já fez o milagre de S. João Romão anarehista.

Em terceiro lugar, diz o Xavier de Carvalho, que é tolo mas não, que me conste, mentiroso, que as mulheres de Paris, onde vae um corrupio diabolico de emancipação feminina, principiam já a andar a cavallo escarranchadas.

E' caso para os de Aveiro pedirem a Deus misericordia!

Misericordia, sim, que teem ahí cavallarias altas não tarda. Pois ellas já andam escarranchadas em Paris? Ai, Deus do céu, que as temos escarranchadas em Aveiro!

E' vêr o que succedeu com os velocipedes. Ainda não tinha pegado á moda das damas montarem a nova machina e já ellas davam ahí á perna que era um louvar ao Senhor. Ha quasi tantas damas, que montam, em Aveiro, o velocipede, como na propria Lisboa. Não é em proporção. Em proporção ha muito mais. E' mesmo em absoluto. Se deixarmos Lisboa e Porto, não hesitamos em afirmar que ha mais damas velocipedicas em Aveiro que em todas as outras terras do paiz reunidas.

Ora com esse progresso, com a tradicção, com a nova moda das mulheres escarranchadas em Paris, não é vél-as qualquer dia escarranchadas em Aveiro? Isso é certo, João. Enfim, se for em burro tander, com cavalleiro atraz — tambem agora é progresso dizer cavalleiro — vá lá que não vá. Mas se é sem tander-burrical, então adeus diabo, que temos de transferir o Joaquim Peixinho para Aveiro e passal-o de dar vivas á familia real a dar vivas á Christina.

Bem dizia o allemão Eugenio Richter quando, com bastante graça, imaginava a Alemanha sob o regimen collectivista. Cantores de café concerto, (parece que não ha na Alemanha homens encarregados de levantar vivas, e ganhando a vida por isso, porque Richter não fala n'elles) cantores de café concerto e acrobatas de todos os sexos havia-os em Berlim aos milhares, com a nova ordem de coisas. Os cidadãos e cidadãs sentiam-se, em geral, com grande vocação para essas carreiras. Mas para os officios, artes e profissões trabalhosas ou pouco aristocraticas faltavam as vocações. Richter acrescenta: «Et il s'est trouvé un nombre encore moindre d'amateurs pour... n'toyer les cloaques» (Garofalo — *Superstition Socialiste* — trad. franceza).

rezam as nossas chronicas, não usou d'elle com grande moderação. Toda a raça dos principes e nobres saxões tinha sido aniquilada ou desherdada com poucas ou nenhuma excepções; e poucos eram os que ainda possuíam, na terra de seus paes, propriedades mesmo de segunda ou terceira ordem. A politica dos reis tinha sido de longa data enfraquecer por todos os meios, legaes ou illegaes, essa parte da população que justamente julgavam nutrir um odio inveterado contra os vencedores. Todos os monarchas de raça normanda tinham patentado uma decidida predilecção pelos seus subditos normandos; as leis sobre a caça e muitas outras igualmente desconhecidas ao espirito mais brande e mais liberal da constituição saxonica tinham sido promulgadas e atiradas para cima dos hombros dos habitantes submissos, como que para augmen-

Isto era em Berlim, com o collectivismo triumphante. Façam idéa de Aveiro, onde vae succedendo o mesmo com o collectivismo em herva.

Já o anno passado o disse: a minha terra está uma terra de pintores, de musicos, de dandys, grandes artistas, grandes janotas, tudo que cheira a grandezas e atira para grande. Já o anno passado estava assim; mas este anno está peor. E estes progressos assustam-me. Qualquer dia chego a Aveiro e tenho que carregar com a mala ás costas da estação para casa. E não é isso ainda que me mette mais medo. Se as regateiras desertaram todas da praça da fructa, da praça do peixe, da praça da hortaliça e do pão, e as encontro nas ruas da cidade montadas em bicyclette? Só de lembrar, estremeço de horror. E isso pôde muito bem acontecer porque, na tal corrente de emancipação feminina, Aveiro é a primeira cidade do mundo. Ainda hontem eu me assustei com um foguete que se me repentinamente atraz de mim. Dei um pulo para o lado, o foguete passou e pude vêr então o que era. Era uma dama elegante montada n'uma machina com um cavalleiro atraz. Cavalleiro é, no caso, cavalleiro tambem, porque ia montado, como a dama em questão.

«Aquella é Fulana, sabes? Segredou-me o meu companheiro maliciosamente. Atiraram com Fulano de pernas para o ar, dizendo que elle era mal governado, extravagante, dissipador da fortuna de seus filhos. Afinal, elle não era nada d'isso, ou, antes, não era esse o verdadeiro motivo da antipathia que lhe votavam. O homem apertava-lhes as redeas, e, por isso, o accusavam tambem de não dar á familia a liberdade compativel com o bom tom. N'uma palavra: era inimigo da emancipação feminina. E o elemento feminino, que anda levado da breca na nossa terra, atirou com o homem ao claro, onde o afundaram, e ahí tens a familia emancipada e á redea solta.

Era isto que ellas queriam, meu caro».

Concordei. Garofalo, na sua já citada obra, não admite que a administração collectivista chegue um dia a *faire jouir tout le monde de cet exercice du velocipède qui est devenu une vraie manie*.

Cá em Aveiro, senhor Garofalo, não é preciso que a administração collectivista vá tão longe, porque, á excepção do bispo conde e do Camarão, os dois extremos, já não ha ninguém, isto é: macho algum, que não ande em velocipede. E o Camarão e o bispo conde, o primeiro não obstante a sua pobreza, e o segundo não obstante a sua qualidade de principe da egreja e o tamanho que Deus lhe deu, lá hão de chegar com o tempo.

O que não me incommoda nada. Todas as manias são ridiculas. E o velocipede em Aveiro já não é uma *vraie manie*, como na Italia, onde, pelo que se vê, já vae apparecendo quem ache a coisa de mais, mas uma *folle manie*.

E' o que dissémos: só falta o bispo conde e o Camarão.

O velocipede em Aveiro tornou-se uma mania ridicula, um simples caso de pedantismo e imitação, que caher nos dominios da pathologia social. Nem é justificada pela necessidade do exercicio, — que nem a maior parte dos velocipedicos precisam de tal exer-

tar ainda o peso das cadeias feudaes de que elles já estavam carregados. Na corte e nos castellos da alta nobreza, onde se rivalisava com aquella em pompa e opulencia, a unica lingua em que se fallava era o *francês* normando; nos tribunales os debates e as sentenças eram tambem proferidos n'essa lingua. Em uma palavra, o francez era a lingua da honra, da cavallaria e sté da justiça, enquanto que o anglo-saxão, mais viril e expressivo, era abandonado aos camponezes e ás pessoas mais ordinarias, que não conheciam outro idioma. Entretanto, a convivencia, necessaria, entre os donos das terras e as classes inferiores que as cultivavam, produziu a formação gradual de um dialecto, mixto de francez e anglo-saxão, por meio do qual se fazem entender mutuamente; e d'essanecessidade veio pouco a pouco a formação da lingua in-

ter, nem nenhum foi guiado para a machina por esse mobil, nem deveriam preferir tal exercicio, que o grande physiologista Lagrange reputa dos menos satisfatorios — nem pela necessidade de transporte. Mas, repetimos, isso nada nos incommoda, porque não é das coisas que mais prejudicam a ordem social. Mas vejam ao menos se não mettem a familia toda na velocipedia.

Isso, então, é que já é desarranjo familiar e perturbação social.

Se não é o frade que lhes come os toucinhos e lhes rompe os lençoes de linho, é a machina, o que vem a dar na mesma coisa.

E passa bem até á semana, amigo João. Quando formos só os dois a lér, avisa, para meu governo.

A. B.

A BATOTA

Dizem-nos que ha um Café, na rua dos Mercadores, onde se joga desafortadamente toda a casta de jogo prohibido.

Para alli vão os operarios perder a féria, e, portanto, comprometter o sustento proprio e o da familia.

Francamente: o sr. commissario de policia ainda não tinha, n'esta nova Londres que se chama Aveiro, dado por esse fóco de jogatina?

Parece incrível. Mas, enfim, ha tanta gente que vê pouco...

Pois quem vê pouco, e não quer quebrar o nariz, compra uns oculos.

Assim faz quem tem bom senso e quem não quer faltar ás suas obrigações.

Hontem de manhã quem atravessasse algumas ruas da cidade tinha que vir com as calças arreagaçadas, senão corria o risco de ter mandal-as lavar, tal era a immundicie que se agglomerava por essas ruas fóra.

Onde diabo está a junta de saude que não vê isto? E' espanoso! Ai dos habitantes de Aveiro se a peste bubonica os visita!

RIDICULOS E TOLOS

Na ultima desavença que tiveram mostraram mais uma vez os republicanos partidarios a sua falta de juizo e de character.

O tenente Coelho será um homem de muitos merecimentos ou esperanças. Mas d'ahi até ser heroe consagrado vae muita differença. E querer então buscar-se a sua consagração heroica no 31 de janeiro, para se escrever d'elle Homem com h grande e arrumar-lhe com um Lhe em l graúdo, é de completos parlapatões.

Mas se o 31 de janeiro não

gleza moderna, na qual a dos vencedores e a dos vencidos se misturaram em tanta felicidade, e que posteriormente se tem enriquecido com numerosos vocabulos tirados das linguas classicas e das que tinham as raizes do meio-dia da Europa.

Julguei necessario dar estas indicações aos leitores porque muitos poderiam esquecer-se de que, comquanto nenhum grande acontecimento historico, como uma guerra ou uma insurreicção, tenha assignalado a existencia dos anglo-saxões como povo distincto posteriormente ao reinado de Guilherme II, todavia as grandes distincções nacionaes entre elles e os seus conquistadores, a lembrança do que tinham sido outr'ora e a consideração d'aquillo a que estavam reduzidos, continuaram sob o reinado de Eduardo III a conservar abertas as feridas que a conquista tinha feito

consagrou o tenente Coelho como militar, comopolitico, como revolucionario, siquer, tambem não consagrou o sr. Nunes da Ponte. Com a differença de que o tenente Coelho pigou com a sua patente, com a sua liberdade, com a sua saude — desgostos de toda a ordem a confiança cega que depositou nos Nunes da Ponte de todas as categorias. E os Nunes ficaram em paz e socego.

O tenente Coelho é um doido, como dizem.

E onde está o producto do juizo somado de todos os Nunes da Ponte conhecidos?

Bem sabemos que o partido republicano está cheio de cabeças conselheraticas. Mas é dado ao paiz perguntar: o que teem feito tantas cabeças de tanto juizo?

O partido republicano acabou, além de tudo, de dar mais uma prova da sua immoralidade. Doido ou não doido, com valor ou sem elle, o tenente Coelho é dos pouquissimos que se sacrificaram e que perderam n'um partido onde abundam os insignificantes, os conselheiros e pançudos de toda a ordem. E, no fim, lá se foi com dois pontaps. O sr. Gomes da Silva, o sr. Nunes da Ponte, e outros, esses ficam sempre sem que ninguém seja capaz de lhes descortinar o juizo ou aquilatar o valor, a não er, vide Gomes da Silva, para viver vida farta e regalada em santo accordo com os monarchicos; á sombra e protecção da monarchia. O tenente Coelho — e somos bem insuspeito porque não temos por elle sympathia pessoal nenhuma — quando não tivesse outro valor tinha o de ganhar por si só a independencia sua e de sua familia. Os conselheiros republicanos, vide Gomes da Silva, só conseguem viver por mercê da monarchia. A'quelle ainda se conhece esse valor. Que valor conheceis vós a estes, ó tartufos partidarios?

Benemeritos cidadãos, que tão boa maneira tendes de reconhecer serviços e de fazer justiça!

Mas não é tudo. Trazem para publico as desavenças e quando o publico pede explicações respondem, como o sr. Sampaio accubi de responder no *Seculo*, que se dão explicações á porta fechada, porque o grande publico *nada tem que ver com a vida interna do partido*.

Bravissimo! Isso tambem é velho. O partido republicano nunca deu contas ao paiz. E' uma sociedade, com acções, e onde os votos são contados pelo capital das acções.

Vide Nunes da Ponte e Manuel Maria Coelho. Leitura do

e a manter uma linha de separação entre os descendentes dos normandos vencedores e os dos saxões vencidos.

O sol poente illuminava uma das fertes e verdejantes clareiras da floresta de que fallámos no começo do capitulo. Centenas de carvalhos de copa extensa, tronco baixo e ramos compridos, e que tinham talvez sido testemunhas da marcha triumphante dos soldados romanos, estendiam os braços nodosos por sobre um espesso e delicioso tapete de relva; n'alguns sitios havia de perneio faias, azevinhos e varias especies d'arvores de corte, de tal maneira fechadas que intercepavam completamente o raio do sol, n'outros pontos afastavam-se umas das outras de maneira a formarem essas avenidas extensas e ondeantes em cujas voltas a vista se perde com delicias, ao passo que a imaginação se desliza n'ellas caminhos para sitios

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pincéis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

**RUA DO CAES
AVEIRO**

AO COMMERCIO

E AO

PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moldo, avulso e empacotado,** por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender. Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 90 réis o litro, tinto; branco a 100 e 900 réis, sendo para consumo em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

quanto parecido na forma com o do seu companheiro, era de tecido superior e de aspecto mais fantastico. O saio era pintado de púrpura brilhante, sobre o qual tinham tentado traçar ornatos grotescos em diferentes côres. Trazia tambem uma capa curta, que mal lhe chegava ao meio das coxas e era do panno carmezim, estava cheia de nodos e era debruçada de amarello vivo. E como elle podia a sua vontade mudal-a de um para o outro hombro ou embrulhar-se n'ella inteiramente, o contraste da largura com a altura fazia d'ella uma peça de vestuario das mais extravagantes. Tinha nos braços braceletes delgados de prata e no pescoço um collar do mesmo metal com a seguinte inscripção: «Wamba, filho de Witless, é escravo de Cedric de Rotherwood.»

Este personagem tinha a mesma especie de sandalias do seu companheiro, mas, em vez de usar correias delgadas de coiro, tinha as pernas calçadas n'uma especie de polainas, das quaes uma era vermelha e a outra amarella. Além d'isso, na cabeça tinha um barrete, guardado em roda de guizos pouco mais ou menos do tamanho dos que se põem aos falôes e que telintavam sempre que elle mexia a cabeça para um ou para o outro lado; e como elle não permanecia um minuto na mesma posição, o tinido dos guizos podia considerar-se incessante. O barrete, debruado de uma tira de coiro duro talhada em forma de corôa, cahia-lhe para baixo do hombro e terminava n'uma especie de sacco comprido, semelhante a um barrete de dormir à moda antiga, ou a um

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

**Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)**

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

**Hotel Cysne
Boa-Vista**

AVEIRO

**Recommenda-se pelo
acço e seriedade
com que se
trata**

*Serviço de meza, todos os
dias, até á meia noite*

**TRENS A TODOS
OS COMBOIOS**

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe—AVEIRO

NESTE estabelecimento encontram-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

*D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)*

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Deposito de bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Mermeria**.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

MOAGEM DE TRIGO, MILHO E DESCASQUE DE ARROZ

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, sêmcas e arroz nacional.

Compras de milho, trigo e arroz com casca, tanto por junto como a retalho.

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

Aprendiz de typographo

ADMITTE-SE n'esta typographia um que saiba bem ler e escrever. Garante-se-lhe ordenad.

das modernas. O aspecto e as maneiras d'estes dois homens formavam um contraste não menos notavel que o seu vestuario. O servo, ou escravo, estava triste e carrancudo; tinha a cabeça inclinada para o chão, com uma apparencia de profundo desalento, que quasi se poderia tomar por apathia se o fogo que ás vezes se via brilhar nos seus olhos não manifestasse que sob a apparencia de um sombrio desespero dormitavam o sentimento da sua oppressão e a tendencia para se libertar d'ella. Enquanto que pelo lado de Wamba os seus olhares indicavam, como te costume na sua classe, uma especie de curiosidade vaga, uma necessidade continua de mudar de posição, e ao mesmo tempo um extremo contentamento que lhe produziam a sua situação e a figura que fazia.

O dialogo que sustentavam um com o outro era pronunciado em anglo-saxão, que, como já dissemos, era a lingua fallada universalmente pelas classes inferiores, com excepção dos soldados normandos e das pessoas immediatamente dependentes da alta nobreza feudal. Mas o transcrever a sua conversação no original pouco adeantaria ao leitor moderno, em beneficio do qual pedimos licença para lhe offerecer a traducção seguinte:

— A maldição de S. Withold caia sobre estes porcos do inferno! bradou Gurth, depois de ter feito soar estrondosamente a sua buzina para reunir o rebanho dos porcos espalhados, os quaes, ao mesmo tempo que respondiam com outras

(Continúa.)

relatorio e ajuste de contas á porta fechada. O primeiro, grande capitalista: dez votos. O segundo, pobretão: um voto. Resultado final: pobretão na rua.

Assim é que é. Bravissimo. Lá valor intellectual, ou moral, cantigas.

O valor intellectual dos conselheiros do partido é grande, mas só o sr. José Luciano o pôde apreciar e só o estomago de muitos d'elles o pôde agradecer. No partido republicano não é por esse valor que se contam os homens. É pelo numero de bacalheiros ou de mercieiros que o sr. Nunes da Ponte, Gomes da Silva ou outros possam ter atrás de si. Quando o valor intellectual existe, como no sr. Sampaio, é exclusivamente da sociedade, da bella sociedade, que se apraz servir-se d'elle no mero interesse societario, discutindo os seus negocios sem se sentir obrigada a dar contas ao paiz.

Pois que lhes preste. Mas não venham depois de affogar a irado insuccesso ou da incapacidade no que chamam a indiferença ou ignorancia da nação. Porque se o partido republicano constitue uma sociedade particular, como pretende o sr. Sampaio, e não reconhece ao publico o direito de intervir nos actos da sua vida, assiste á nação o direito reciproco de lhe dizer, quando elle se lhe dirigiir como partido:

«Não temos nada com os senhores. Os senhores são a sociedade do Gomes da Silva, do Nunes da Ponte e d'outros. E quem regula sociedades particulares é o ministerio do reino e a policia.

Dirijam-se, pois, ao José Luciano, ao João Franco e ao Moraes Sarmento.

E é a unica resposta que merecem.

P. S.—Depois de composto este artigo lémos uma carta do sr. Nunes que confirma plenamente o que fica dicto.

O sr. Nunes declara que apenas se demittiu de presidente da commissão municipal, a que pertencia o sr. Coelho, por ter rompido relações pessoas com este.

Muito bem. As corporações republicanas são como as phylharmonicas, e phylharmonicas da aldeia. Em o mestre se zangando com o trombone, ou sahe o trombone, ou sahe o mestre. Não ha interesses publicos, não ha idéas, não ha nada acima das zanguinhas dos socios.

Não ha que vêr: o partido republicano está sob a alçada exclusiva do sr. Moraes Sarmento,

como a *Incrível Almadense* ou a *A'vante Canecense*.

Na parte administrativa, isso então é com o sr. juiz Veiga.

Oh, que imbecis!

A rega das ruas

Anda-se procedendo á rega das ruas da cidade. É uma medida acertada na presente epoca. Mas o que não é acertado é fazer-se este serviço com agua da maré que, além dos inconvenientes que traz, é prejudicial á saude.

Pois na Praça do Peixe, onde se tem feito este systema de rega, não ha quem alli possa passar com o mau cheiro que exhalam as ruas proximas.

Que vergonha, santo Deus!

A Associação Commercial fez distribuir umas circulares, avisando os seus associados, de que não se pôde levantar mercadorias procedentes do Porto, sem primeiro serem desinfectadas.

Muito bem.

O nosso Folhetim

Já agora temos que transigir com o gosto do publico que, infelizmente, não admittie jornaes sem folhetins. E dizemos infelizmente porque essa predilecção leva-o a ingerir umas drogas impossiveis, que os jornaes lhe fornecem com o nome de romance. Deploraveis peças litterarias, sem fórma e sem pensamento, n'uma traducção reles e vergonhosa, por vezes.

Não está n'essas condições o romance que hoje encetámos, nem estará nenhum, porque o *Povo Aveiro* terá o maximo cuidado em não dar porcarias aos seus leitores. IVANHOÉ é a melhor producção de Walter Scott, o grande mestre do romance historico.

Na traducção aproveitaremos o que já está feito.

Conhecemos d'esta obra duas traducções em portuguez, uma feita ha annos pelo sr. Ramalho e Souza e outra feita, ha pouco tempo ainda, pelo jornal illustrado *Revista Moderna*. A primeira é regular. A segunda, que não chegou ao fim, infelizmente, é muito boa. Seguindo esta, principalmente, desconhecida, bem como a primeira, do geral dos leitores do nosso semanario, completal-a-hemos, sem deixarmos de a ir cotejando sempre pelo original, que possuímos.

Um folhetim n'um semanario é um logro, quando nas circumstancias em que o dão todas as publicações d'esta natureza, isto

ouvir. Apenas uma grande pedra chegara até ao fundo, e, interrompendo o curso de um riacho que corria suavemente ao sopé da collina, obrigava a agua a produzir um brando murmurio que d'antes se não ouvia.

Completavam esta paisagem duas figuras humanas, cujo vestuario e aspecto revestiam o caracter selvagem e rustico por que n'esses tempos primitivos se conheciam os habitantes dos bosques da parte occidental do Yorkshire. O mais velho d'esses homens tinha um exterior severo e barbaro. O seu vestuario tinha a fórma mais simples que se pôde imaginar: era uma especie de collete comprido, com mangas, feito de uma pelle curtida de algum animal, á qual originariamente fôra deixado o pelo; mas este desaparecera em tantos

é, n'uma pagina. O *Povo d'Aveiro*, para evitar esse logro, publicará o nosso romance em quatro paginas, salvo quando a affluencia de annuncios o não permittir, e assim dará aos leitores o equivalente do folhetim d'um diario, que pouco mais dá, no geral, n'uma semana.

E d'este modo satisfazemos, por completo, o gosto do publico, ficando ao mesmo tempo a nossa consciencia tranquilla, porque lhe damos um trabalho litterario primoroso.

A nossa policia tem andado a dormir. Pois havemos de despertal-a, e a valer. Anda acordada para prender o Valentim e applicar multas a uns pobres carreiros que, na sexta-feira, á noite, pararam em frente da esquadra, ficando um de guarda ao gado, enquanto os outros foram fazer umas compras a um estabelecimento proximo; mas anda a dormir para não vêr a garotada atacando um pobre cão a quem os mesmos janizaros ministraram a bola na semana passada.

Havemos de acordal-a, fiquem certos d'isso.

Jayne Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

A peste Bubonica

Está declarada oficialmente a peste bubonica no Porto.

N'um paiz onde os poderes publicos tomassem a peito os interesses dos seus administrados, e estas horas as autoridades do Porto em maus lençoes. Mas em Portugal ninguem toma responsabilidades, fica sempre impune o relaxamento e o crime e então pôde a peste alastrar-se á vontade, invadir o paiz todo, matar milhares de portuguezes, levando a desolação e o horror a toda a parte, que o sr. Pina Callado e outros não deixarão de ser *conselheiros* nem de tirar o lucro que a *conselheirice* lhes dá.

Aveiro é uma das terras mais ameaçadas pela sua proximidade do Porto e pelas intimas relações commerciaes que mantem com aquella cidade.

Tomaram-se ou tomam-se medidas precisas para nos livrar do contagio da peste? Diz que sim o *illustre* correspondente do *Seculo*, que não temos a honra de conhecer mas que se vê perfeitamente ser uma pessoa *illustre*. Nós, porém, duvidámos. Não duvidámos;

pontos que pelos pedaços restantes seria difficil conhecer a que especie de creatura tinha pertencido a pelle. Esta veste primitiva descia desde a garganta até aos joelhos e fazia as vezes, por si só, de todas as peças que geralmente se usam para cobrir o corpo; só tinha na parte superior uma abertura sufficientemente larga para dar passagem á cabeça, d'onde podia inferir-se que se enfiava pelo processo usado hoje para a camisa e antigamente para a cota de malha. Umas sandalias, seguras por correias de pelle de porco, protegiam-lhe os pés, e em torno das pernas entrelaçavam-se-lhe umas correias mais delgadas, subindo quasi até ao joelho e deixando este a descoberto, á maneira dos montanhezes da Escocia. Para que aquella especie de collete ficasse mais justo ao corpo

temos a certeza de que nada se fará porque os conhecemos a todos de *gingeira*.

Quem entra n'esta cidade pela primeira vez, ou a ella regressa depois d'algum tempo de ausencia, não precisa andar muito para reconhecer que em Aveiro não ha policia, nem medicos de saude, nem camara municipal, nem governador civil, nem coisa nenhuma. Isto não é ter má lingua. Isto é dizer uma grande verdade.

O relaxamento, a incuria ressaltam de tudo e a cada passo. Ruas porcas, abandonadas, onde se vê a ausencia completa de vassoira municipal, que só são regadas pela chuva; transportes de estrumes de dia, ou quando muito logo á noitinha; os canos estragadissimos e exhalando um cheiro pestilencial; a venda das fructas verdes e pôdres; a policia desprezando completamente as já pouco rigorosas posturas municipaes e consentindo que das janellas se lancem á rua todas as immundicies; os depositos de molliço feitos já dentro da cidade porque a malhada da Fonte Nova e a dos Santos Martyres não ficam senão já dentro do povoado, tudo isso demonstra um tal desleixo, um tal desprezo pelo bem publico que, francamente, nós só ficaríamos contente se vissemos castigar a cacete, tal é a indignação que isso nos produz, os responsaveis por esses factos criminosos.

Quem escreve estas linhas chega d'uma terra da cathogoria d'Aveiro onde, não obstante os naturaes de lá se queixarem tambem de relaxamentos, o serviço de saude, pelo menos, é feito admiravelmente. O maximo rigor nas praças publicas e nas casas de vendas, onde os generos expostos e de facil adulteração são examinados todos os dias pelos medicos, que não hesitam em os condemnar severamente, quando os suppoem improprios de consummo, condemnação que executam implacavelmente, sem attender a rogos, nem a empenhos, nem a choradeiras, nem a coisa nenhuma.

Isso vimos nós. Esse rigor o presenciámos, admirando e louvando a independencia e zelo com que o delegado de saude, um medico illustre, fazia esse serviço.

Em Aveiro está tudo pôdre, incluindo as pessoas. Não acreditámos, pois, nas medidas preventivas que a occasião reclama. Andam para ali uns visitantes a metter o nariz pelas latrinas, mas estamos certos de que não passarão de cheirar e só de cheirar.

era apertado ao meio por um cinto de couro fechado com uma fivella de latão. A esse cinto estavam presas de um lado uma especie de bolsa e do outro uma haste de carneiro que tinha adaptado um bocal para servir de instrumento de sopro; e estava tambem segura a elle uma d'essas facas de dois gumes, de lamina comprida, larga e afiada, com cabo de chifre, que se fabricavam nas visinhanças e tinham por isso n'aquelle tempo o nome de facas de Sneffield. A cabeça do homem só estava coberta pelo seu cabello espesso e emmaranhado, a que o sol tinha dado um tom ruivo, contrastando com o da barba amarellada, da côr do ambar. Resta-me falar de uma parte do seu vestuario, muito importante para que a possa omitir. Era um collar de latão, como os dos cães

Oxalá que nos enganemos. Se nos enganarmos teremos o maximo prazer em louvar á farta quem o haja merecido.

FESTAS E DIVERSÕES

Na Costa de S. Jacintho ha hoje festa ao seu padroeiro: tem musica, foguetes, danças, illuminação, etc.

E' gosar emquanto não chega a bubonica.

Na Povoa do Paço tambem ha restollhada ao orago da terra com musica, fogo do ar e rasteiro—este com mais abundancia—No final desanda tudo em pancadaria de criar bicho.

Que lhes preste.

Está para breve o enlace de uma formosa menina da *nossa primeira sociedade* com o celebre Tamanco. São padrinhos Zé Hospital & C.^a

ANNUNCIOS

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Manes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — AVEIRO

N'ESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

que elle trazia ao pescoço, sem abertura alguma, soldado com segurança, sufficientemente largo para não impedir a respiração, e bastante apertado para não se poder tirar sem o emprego da lima. N'este extravagante gorjal estava gravada, em caracteres saxões, uma inscripção que dizia assim:—«Gurth, filho de Beowulph, é o escravo nato (1) de Cedric de Rotherwood.»

Porto do guardador de porcos, porque tal era a occupação de Gurth, estava sentado, sobre uma das pedras druidicas derrubadas, um homem que parecia ter menos uns dez annos e cujo vestuario, com

(1) Naquelle tempo dois terços da população consistiam em escravos de diferentes classes. Os mais numerosos eram como que uma parte integrante do solo e vendiam-se juntamente com o gado. Gurth